

Mais do mesmo: Da ironia como insulto

Ana Rivotti (PROGRAMMA) & Noémia Jorge (PRETEXTO)

Abstract This work shows us a reflection about the way irony is used as a satirical and argumentative strategy in the text we are studying. According to the classical rhetoric and the subsequent theoretical contributions of Kerbrat-Orecchioni (1980, 1998), irony is seen as a trope, considering their semantic and pragmatic particularities. At a micro-linguistic level, the use/managing of the values of the following adverbs *só*, *apenas*, *somente* and *momente*, in the text under study, gives us the perception of irony. This irony, in an implicit way, stands in the scale of the fictitious grades which these adverbs are supposed to comprise. The aim of this work is, mainly, the grammatical and textual functioning of those adverbs based, among others, on the proposals of Moreira (2005).

A ironia como tropo – especificidades semânticas e pragmáticas

Na ficha técnica de *O Inimigo Público*, explicita-se a natureza dos textos que integram este jornal: “O Inimigo Público é um jornal satírico, sendo todo o seu conteúdo ficcional.” Tal explicitação, de teor peritextual, revela-se determinante no processo de interpretação textual, por contribuir para o estabelecimento das coordenadas que orientam a leitura por parte do público (Genette, 1987). Sendo um “jornal satírico”, prevê-se que o *Inimigo Público* seja composto por textos caracterizáveis pela crítica social, em que a ironia e ao sarcasmo surgem como mecanismos linguístico-discursivos recorrentes.

Como previsto e expectável, o texto em análise recorre, como estratégia satírico-argumentativa, à

ironia. Tradicionalmente encarada como uma figura pela qual se quer fazer entender o contrário do que se diz, a ironia tem sido alvo de estudo no âmbito da Linguística, como o demonstra o verbete a ela dedicado no *Dicionário de Análise do Discurso*, em que se apresentam sucintamente as perspectivas de Sperber & Wilson (ironia como menção), Kerbrat-Orecchioni (ironia como tropo), Berrendonner (ironia como paradoxo) e Ducrot (ironia como fenómeno polifónico).

Seguindo a retórica clássica e os subsequentes contributos teóricos de Kerbrat-Orecchioni (1980, 1998), a presente análise encarará a ironia como tropo (*in absentia*), ou seja, como figura que se realiza nas seguintes condições:

(1) existence d'un signifiant unique

(2) auquel s'attachent deux niveaux sémantiques (et/ou pragmatiques)

(3) lesquels sont hiérarchisés

(4) de la façon suivante:

- sens littéral (premier, patent, inscrit en la langue) = connoté;

- sens dérivé (second, latent, plus ou moins inédit) = dénoté. (Kerbrat-Orecchioni (1980:110)

Em termos semânticos, a ironia é definida pela autora nos seguintes termos: “L’ironie emprunte en général la voie de l’antiphrase, c’est-à-dire que la relation existant entre les sens littéral et dérivé est une relation d’antonymie, ou d’opposition sémantique” (Kerbrat-Orecchioni, 1980:118). Ainda que Kerbrat-Orecchioni questione a pertinência desta definição (nomeadamente no que se refere ao problema da identificação e da descrição da relação de oposição entre termos e à possibilidade de a ironia ser construída com base não na antífrase mas em estruturas de outro tipo), interessa, no âmbito da presente análise, evidenciar a relação de antinomia/oposição que se estabelece entre os dois níveis de sentido subjacentes à construção da ironia – ou, caso não haja antífrase explícita, na amplitude de desfasamento semântico que corporiza a ironia. Esta inversão de sentido (radical ou parcial) tem

implicações ao nível pragmático, sendo, para a linguista, condição *sine qua non* para que se verifique a existência da ironia: “ironiser, c’est toujours d’une certaine manière railler, disqualifier, tourner en dérision, se moquer de quelqu’un ou de quelque chose” (Kerbrat-Orecchioni, 1980:119). Consequentemente, a ironia é encarada de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1998:102) como uma figura que trata em termos aparentemente valorizadores uma realidade que se pretende desvalorizar, o que implica a existência obrigatória de três elementos – o destinador, o destinatário e um actante-alvo (*actant-cible*) – elementos esses que poderão ser ou não correferentes.

Delimitada a especificidade semântica e pragmática da ironia, a autora conclui que

des deux composantes, sémantique et pragmatique, de l’ironie, la seconde est dominante par rapport à la première: c’est la valeur pragmatique d’une séquence, plus que sa structure sémantique, que fait qu’on la “sent” intuitivement comme ironique; ironiser, c’est se moquer, plus que parler par antiphrase. (Kerbrat-Orecchioni 1980:120)

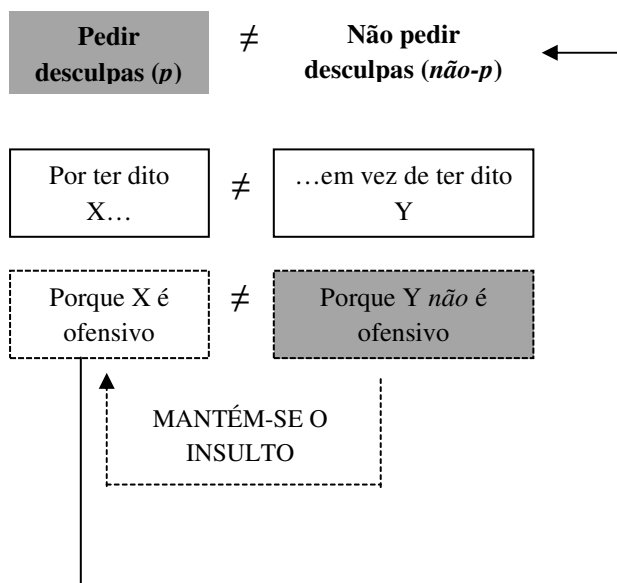
Esse ponto de vista vai ser verificado numa perspectiva de

funcionamento textual, como veremos de seguida.

Considere-se o seguinte segmento:

(1) *Edite Estrela pede desculpas por ter dito que a Ana Gomes é uma ‘descabelada que só arranja problemas’ em vez de dizer que é uma ‘descabelada que apenas arranja problemas’*

Afirma-se que Edite Estrela pede desculpas mas, na realidade, pretende-se que o destinatário subentenda o inverso (ou seja, que Edite Estrela não pede desculpas). O movimento de interpretação da ironia poderá ser esquematizado da seguinte forma:



Recorrendo ao discurso relatado (ficcional), declara-se que Edite Estrela pede desculpa por ter dito X (*Ana*

Gomes é uma descabelada que só arranja problemas), em vez de ter dito Y (*Ana Gomes é uma descabelada que apenas arranja problemas*). Pretende-se, no entanto, que o leitor infira que não se trata de um verdadeiro pedido de desculpas, na medida em que há oposição de sentidos entre o pedir desculpas e o que efectivamente é dito: ter dito X foi ofensivo, logo previa-se que, para que o pedido de desculpas fosse concretizado, Y não fosse ofensivo – no entanto, Y é igualmente insultuoso; por conseguinte, mantém-se o insulto, o que anula o pedido de desculpas, corporizando a ironia.

A ironia, no segmento (1), recai ainda num outro aspecto: ao (supostamente) reformular o discurso, Edite Estrela mantém a nominalização deadjectival *descabelada* (pertencente ao registo popular) e altera o advérbio *só*, pertencente à norma-padrão; este facto, associado à mudança de advérbio, não implica a mudança de sentido (contrariando-se as possíveis expectativas do leitor), conduz à ridicularização do alvo visado, levando o leitor a concluir – por meio da activação de pré-construídos e da recorrência à pressuposição – que Edite Estrela, conhecida como ‘purista’ da língua, não domina a língua nem em

termos de registo de língua, nem de semântica.

Atentemos agora num segundo segmento textual:

(2) *Edite Estrela [...] garantiu que queria dizer que a Ana Gomes é “uma descabelada que ‘apenas’ arranja problemas”, “uma descerebrada que somente arranja problemas”, “uma mentecapta que mormente arranja problemas”, pedindo desculpas por se ter esquecido de usar as suas celebradas capacidades linguistas e por ter passado a andar em público com uns óculos Ray Ban, como se fosse o McGyver.*

Este segundo segmento surge como desenvolvimento do segmento (1), continuando implícita a oposição entre o *pedir desculpas* e o *não pedir desculpas*: o enunciador diz *p* (*Edite Estrela pede desculpas*), para que o destinatário subentenda *não-p* (*Edite Estrela pede desculpas pelo motivo errado > Edite Estrela não pede desculpas*). O conteúdo do discurso relatado (da responsabilidade de Edite Estrela) é avaliado negativamente e, por isso mesmo, o enunciador espera que o leitor considere como indício de *não-p* o facto de esta:

- reformular sistematicamente o discurso produzido, recorrendo a substituições lexicais em que os termos/conceitos vão sendo progressivamente trocados por outros supostamente mais eruditos e adequados à sua reputação linguística

(*só>apenas>somente>mormente; descabelada > descerebrada > mentecapta*)¹ mas com valor axiológico mais insultuoso (*descabelada > descerebrada > mentecapta*);

- desvalorizar os valores sociais em causa que se prevê serem considerados mais adequados pelo leitor, privilegiando a correcção/erudição linguística (*celebradas capacidades linguísticas*) e a aparência física (*e por ter passado a andar em público com uns óculos Ray Ban, como se fosse o McGyver*).

Através destes recursos linguístico-discursivos, o enunciador visa que o leitor interprete o seu discurso como irónico e que, conseqüentemente, considere discurso/comportamento de Edite

¹ Reputação linguística que acaba por ser também ridicularizada, na medida em que a substituição de *só/apenas/somente* por *mormente* causa estranheza, podendo mesmo ser considerada agramatical.

Estrela ridículo e socialmente desajustado. Para que a interpretação corresponda à pretendida, o destinatário deverá identificar o seguinte implícito: *é ridículo que Edite Estrela se proponha pedir desculpas e que, em vez disso, reforce o insulto, anulando o pedido de desculpas.*

Os valores de *só*, *apenas*, *somente* e *mormente* para a construção da ironia como tropo

De entre os vários aspectos que contribuem para a construção linguístico-discursiva da ironia, valerá a pena desenvolver um dos que se apresenta como mais relevante e que se coaduna com o uso das formas *só*, *apenas*, *somente* e *mormente*.

Só* e *apenas

Só e *apenas*, considerados, pelos gramáticos, advérbios de exclusão, tiveram, ao longo dos tempos, percursos diferentes com significados distintos, mas, a partir da segunda metade do século XIX, mais concretamente, com Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco começaram a ser utilizados com uma significação muito próxima.

Atualmente, *só*, *apenas* e também *somente* têm o seu valor ‘restritivo’ mais aproximado, embora, tal não se verifique do ponto de vista semântico (do sentido).

Vejamos as frases:

...que só arranja problemas;

...que apenas arranja problemas;

...que somente arranja problemas.

Neste contexto, esta substituição pouco ou nada altera o seu conteúdo. A sua utilização visa, somente, uma escala de hipotética gradação que o enunciador utiliza como forma de ‘insulto’.

Quanto a *apenas*, que é um marcador de restrição, segundo Moreira (2005:212), podem identificar-se três valores, os quais resultam de operações abstratas de noções gramaticais ou ocorrências nocionais:

- a) Um valor único, em que um só termo é selecionado, ou seja, aquele valor é obtido por exclusão dos valores concorrentes.

Exemplificando: *A Teresa conhece Londres e Berlim, mas a Sofia apenas conhece Paris* (Moreira, 2005:213)

b) Determinação temporal, operação ou operações que desencadeiam, nas sequências, valores específicos em que *apenas* aparece com o valor de *anterioridade*, a que os gramáticos chamam *conjunção temporal*, aproximando-se de *logo que* ou de *assim que*.

c) Determinação Qualitativa/Quantitativa², relacionada com a operação complexa de determinação nocional.

Ao compararmos *apenas* com *só* neste contexto, constatamos que tanto o primeiro, como o terceiro valores são comuns às duas formas.

Ainda de acordo com as afirmações daquele linguista, pode inferir-se que:

1) Tanto *só* (como também *apenas*, quando permite uma interpretação que se aproxima de *só*), modifica o SN pós-verbal como advérbio introdutor de uma instância com uma função

discursiva, ou seja, que tenta captar a atenção do co-enunciador para um termo' (2005:39). Nos segmentos em estudo (*descabelada que só arranja problemas* ou *descabelada que apenas arranja problemas*), as duas formas (*só* e *apenas*) significam que a **única coisa** que ela faz é arrancar problemas.

2) Ambos os advérbios têm valor apreciativo, que se pode associar ao aspeto: estes segmentos (*descabelada que só arranja problemas* ou *descabelada que apenas arranja problemas*), dão-nos, assim, a ideia de que Ana Gomes **está sempre** a criar problemas.

Para Moreira, nalguns contextos, ambas as formas (*só* e *apenas*) são “sentidas como intersubstituíveis pelos falantes portugueses e assim consideradas nas gramáticas”, revelando as duas uma permutabilidade singular (2005:219).

Só, apenas e somente

Relendo o segmento “*uma descabelada que só arranja problemas, em vez de dizer que é uma descabelada que apenas arranja problemas*”,

2 Refere Moreira (2005:214) que, de acordo com Houaiss, o valor nocional de *apenas* vai desde o século XIII até à segunda metade do século XIX e que o valor restritivo que adquiriu, não se sabe exatamente quando, já é usado, em 1888, por Eça de Queirós, na sua obra *Os Maias*.

verificamos que estamos na presença de uma afirmação que tenta corrigir outra pela simples substituição de *só* por *apenas*, mas, ao analisarmos a segunda parte (*que apenas arranja problemas*) torna-se claro que *apenas* é uma unidade permutável, perfeitamente substituível por *só*, sem que o seu conteúdo seja alterado.

Na lista dos advérbios focalizadores, cujo significado está relacionado com a noção de exaustividade, inclui-se *somente*, com o mesmo valor de *só* e de *apenas*, como nos mostram os exemplos:

*que somente arranja problemas =
que só arranja problemas*

Concluir-se-á, assim, que a correção feita com a mera substituição de advérbios que possuem o mesmo valor semântico indicia uma correção fictícia. No segmento *que só arranja problemas*, o seu enunciador utiliza a palavra *só* como se possuísse uma propriedade máxima; contudo, a substituição desta forma por *apenas* ou por *somente* interpreta-se como implicando também a substituição de propriedade – respetivamente, propriedade intermédia e mínima –, levando-nos a fazer crer que se está em presença de uma crítica numa escala da

maior para a menor. Como as palavras em análise ocorrem, nestes exemplos, com valores muito equivalentes, o jogo de hipotéticos sinónimos utilizados para ‘corrigir’ a primeira afirmação vem reforçar a ideia de ‘insulto’ que o enunciador pretende transmitir, em vez de a atenuar, como seria expectável. Poder-se-á, assim, inferir que, através deste ‘pseudo-crescendo’, se corporiza a ironia.

Mormente

Tendo como significados *principalmente*, *sobretudo*, *especialmente*, ***mormente*** é considerado um advérbio focalizador de realce, cuja função é “a de identificar e realçar um constituinte para o qual se sente a necessidade de chamar a atenção, seja para o enfatizar, (...) seja para definir um subconjunto de um conjunto já definido” (Costa, 2008:70). No contexto apresentado, a *mormente* é atribuída uma propriedade extrínseca, sendo que este advérbio se distancia dos valores semanticamente muito próximos que os outros três advérbios têm.

O segmento *mentecapta que mormente arranja problemas* poderá ser interpretado como

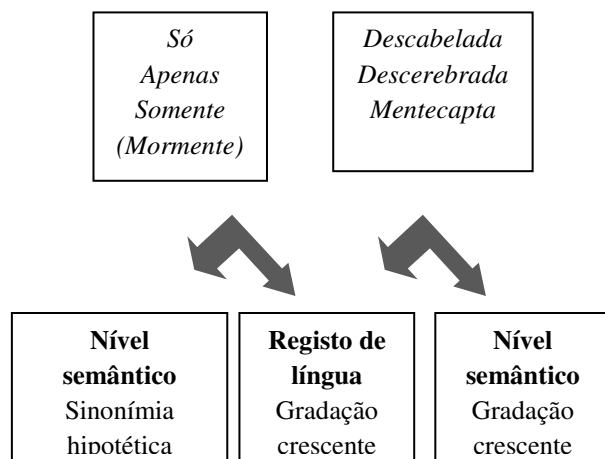
• *mentecapta que arranja
sobretudo problemas*

• *mentecapta que arranja
principalmente problemas*

admitindo-se que o enunciador teve o cuidado de destacar, ainda mais, a ação praticada por Ana Gomes, ridicularizando-a através do reforço enfatizado do ‘insulto’.

Em síntese

O seguinte esquema pretende dar conta da forma como a ironia é construída linguisticamente no texto em análise, tendo em conta o uso dos advérbios *só, apenas, somente e mormente*, e das nominalizações deadjectivais *descabelada, descerebrada e mentecapta*:



Ao nível semântico, destaca-se a manipulação quer dos valores das nominalizações *descabelada, descerebrada e mentecapta*, quer dos advérbios *só, apenas, somente e mormente*:

• com os primeiros apresenta-se uma escala de valores em que se verifica uma relação de gradação crescente relativamente ao valor axiológico insultuoso dos vários adjectivos – facto que evidencia uma forte implicação modal do (suposto) sujeito Edite Estrela face ao discurso por si produzido;

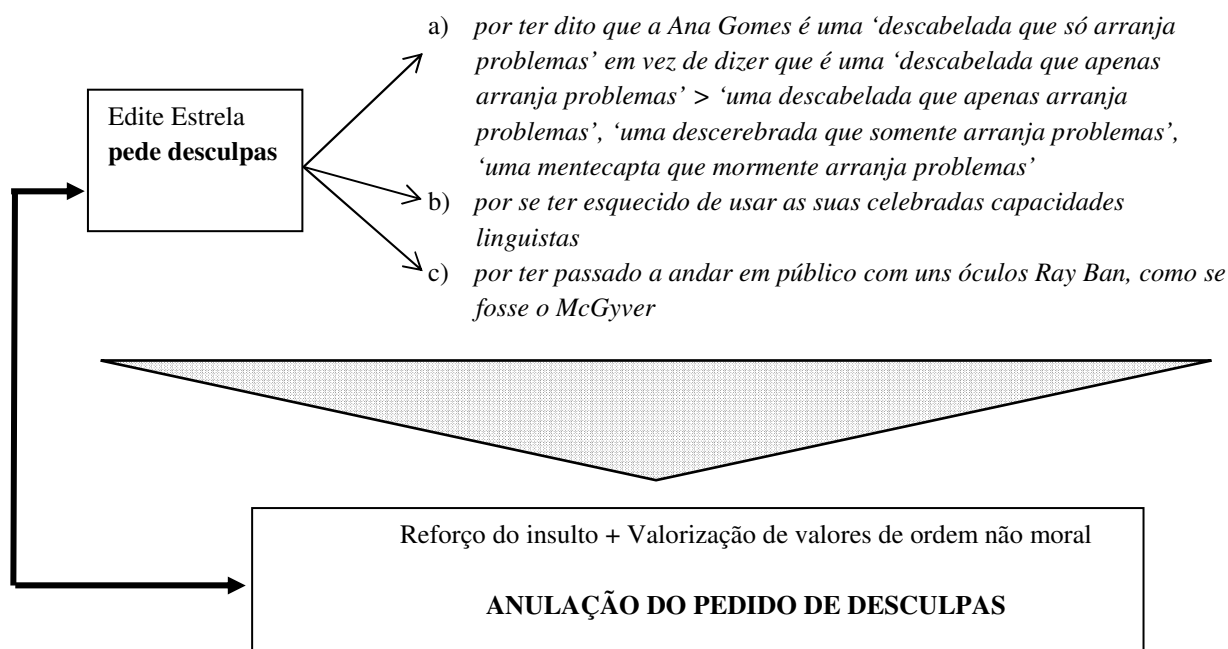
• com os segundos, verifica-se uma falsa gradação, assumindo o sujeito enunciador Edite Estrela uma escala de propriedades máxima, intermédia e mínima relativamente aos três primeiros advérbios e de uma propriedade extrínseca em relação a *mormente*, com um ‘jogo’ de hipotéticos sinónimos (que actualiza um distanciamento modal do sujeito enunciador em relação a uma afirmação feita por ele próprio), limitando-se, com esta hipótese escalar, a construir a escala inversa, o que não apaga – antes reforça – a primeira informação dada.

Em termos do registo de língua, as sucessivas reformulações do discurso produzido corporizam uma gradação crescente, na medida em que os termos/conceitos vão sendo

progressivamente substituídos por outros mais adequados em termos sociolectais, por privilegiarem a correcção/erudição associada à representação do (suposto) enunciador Edite Estrela.

Como fator de organização textual, a ironia incide na

ridicularização da incoerência que perpassa no discurso do enunciador Edite Estrela: apesar de Edite Estrela dizer que *pede desculpas*, o seu discurso, incidente quer no reforço do insulto, quer na valorização de valores de ordem não moral, denuncia justamente o oposto, anulando o pedido de desculpas:



Daqui se conclui que a ironia funciona aqui, essencialmente, numa perspectiva satírico-argumentativa: ao ridicularizar Edite Estrela por meio de termos aparentemente valorizadores, o sujeito enunciador leva o destinatário a

aderir ao seu ponto de vista, ou seja, a ridicularizar também ele Edite Estrela.

Referências bibliográficas

COSTA, J. (2008). *O Advérbio em Português Europeu*. Lisboa: Colibri, pp. 65-67.

GENETTE, G. (1987). *Seuils*. Paris: Seuil.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1980). L'ironie comme trope. In *Poétique* 41, pp. 108-127.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1998). *L'implicite* (2 ed.). Paris: Armand Colin.

MAINGUENEAU, D. (2002). Ironie. In P. Charadeau & D. Maingueneau (dir.) *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil, pp. 330-332.

MOREIRA, B. (2005). *Estudo de alguns marcadores enunciativos do Português*. Diss. de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filologia.